

Texto **Andar entre livros**, de Teresa Colomer

Bolsista ID: Ana Paula

A autora com este livro pretende falar sobre o uso da literatura na escola, mas não propõe um novo paradigma sobre a procedência do trabalho com livros. Pretende também refletir sobre a maneira dos professores utilizarem o livro e juntos procurarem meios para que as novas gerações transitem por varias possibilidades de interpretação e compreensão e desfrute do mundo que a literatura dispõe.

Teresa fala que nem sempre a literatura foi prazerosa e tratada de acordo com devido interesse embora tenha sido durante séculos, preponderante no ambiente escolar.

Na Espanha, em 1825, as únicas leituras necessárias eram a cartilha, o catecismo e as Fabulas de Samariego. Nesta mesma época começam a ser escritos em outros países livros dedicados para a etapa escolar, embora o objetivo fosse a educação moral, algumas novelas infantis que estimulavam o conhecimento do passado de uma nação.

Pela perspectiva discente a literatura não teve muita ênfase nas atividades escolares, o aprendizado era limitado e estável, a aprendizagem de leitura da maneira mais básica de decodificação, memorização da tabuada, dos nomes geográficos, a leitura em voz alta de textos religiosos e patrióticos e, de vez em quando, havia a presença de textos em que apresentavam o estudo do latim, da gramática, da retórica e de problemas matemáticos.

Até a década de 1970, a educação literária era deficiente devido à formação deficiente docente e é a partir desta década que a educação começa a sofrer profundas modificações nos livros.

A escola, com o surgimento dos recursos audiovisuais como a internet, teve que mudar sua forma de ensinar literatura, a necessidade da escola de tornar o ensino da literatura algo atrativo tanto quanto a internet foi prioridade devido a alta disponibilidade de materiais que promovem à fantasia na rede. Com a incidência de jovens que passam mais de quinze horas na frente do computador, a literatura se torna algo pratico e básico, pois, para o aluno, é mais fácil tirar um resumo de um livro do que ficar horas lendo-o integralmente. Na verdade os alunos não sentem vontade de ler porque não acreditam que a literatura possa trazer algum benefício em sua vida escolar e é aí que a escola e o professor deverão atuar.

Segundo a autora, a finalidade da formação literária é de formar leitores competentes. A discussão é como a escola deve ensinar literatura para que não só aprendam, mas leiam também. A finalidade da educação literária é formar pessoas que avaliem, através da literatura, como as gerações anteriores e contemporâneas abordavam as atividades humanas através da linguagem e suas relações com ela. No confronto com outras literaturas propiciar ao aluno o enfrentamento com diversidade social e cultural.

Em 1980 há um enfoque sobre estudo da língua juntamente com o estudo literatura, mas tampouco foi encontrado um eixo, pois a maioria dos professores não tiveram, na sua formação, um estudo integrado entre a língua e a literatura, por isso, provavelmente nas escolas estes profissionais não organizarão suas aulas sob esta perspectiva, pois será mais fácil ensinar a língua.

Um ponto interessante neste livro é o subtítulo Saber ou ler a literatura em que é necessário saber comandar esta leitura e compreender a estrutura da obra, embora seja

uma das prioridades, não ajudará o aluno na interpretação e na construção do sentido da obra.

Outro ponto interessante é o subtítulo *Ler por gostar ou por obrigação* em que a autora ilustra bem colocando que os alunos já se divertem lendo banalidades então já produzem o prazer pela leitura. Só que o problema é quando estas preferências se deparam com as do professor que demonstra o desgosto de várias maneiras: palavras depreciativas ou esperançosas de que um dia melhorarão. Embora o problema persista, não há um estímulo para que esta leitura seja feita.

Neste livro, a autora tenta mostrar que ensinar a ler e a literatura são complexos, pois além de promover uma inter-relação entre texto e leitor devera produzir resultados e reflexões ao deparar-se com estas relações.

O QUE FICA PRA MIM DESTE TEXTO?

Como sou bolsista do PIBID e o objetivo deste subprojeto é a formação de novos leitores este texto é necessário para refletirmos sobre nossa formação como futuros professores, pois deveremos transpor aos alunos o que aprendermos aqui na universidade. Portanto, procurar apreciar a literatura ,seja ela qual for, e ainda tirarmos algo proveitoso para a compreensão da leitura é essencial para a nossa formação e dos alunos também.

Bolsista ID: Cíntia

No primeiro capítulo do livro “Andar entre livros”, de Teresa Colomer discutimos sobre leitura na sala de aula. Ela fala que, antigamente, só era exigido do aluno que decodificassem, decorassem algum tipo de assunto e apenas escrevessem respostas que já estavam contidas no texto. Com isso, ela nos mostra um pouco da história da educação no mundo e, também, em nosso país com o intuito de nos mostrar a evolução do processo educacional. No entanto, apesar das falhas das metodologias usadas antigamente, elas são o que ainda vemos nas escolas hoje em dia.

Além da parte histórica, nesse capítulo a autora nos fala da importância do letramento literário, pois este não só ajudaria o aluno a aprender a interpretar apenas textos de português, ou somente textos literários, mas ajudam o aluno a se tornar um ser crítico, um leitor capaz de distinguir seus próprios interesses e gostos. Com isso, ajudamos na formação desse aluno mostrando-lhe os mais diversos textos, nos quais eles possam aprender enfrentar a diversidade social e cultural, não só nos textos, mas em suas vidas. Sobre isso a autora nos fala algo muito interessante “não se ensina literatura para que todos os cidadãos sejam escritores, mas para que nenhum seja escravo” (pag. 35).

Continuando o capítulo, ela também fala das questões sobre leituras obrigatórias e leituras prazerosas, pois é difícil gostarmos de ler algo quando somos obrigados, mas, no entanto, precisamos saber desenvolver o prazer da leitura. Isso acontece, por exemplo, para universitários que, para sua formação, precisam ler, muitas vezes, textos que, para eles, não são muito interessantes, mas precisamos aprender a distinguir o que é obrigatório e o que nos é prazeroso para não deixarmos de lado hábitos que fazem parte do nosso lazer.

Portanto, acredito que a discussão sobre o livro nos fez refletir sobre a importância de ajudar os nossos alunos a se tornarem leitores. É por isso que o projeto do PIBID 2011 é tão essencial para as nossas crianças e adolescentes, pois estaremos auxiliando-os a se tornarem cidadãos livres e confiantes para expressar suas ideias.

Bolsista ID: Romulo

A partir da leitura do livro pude perceber que a nossa realidade como bolsistas do PIBID é compartilhada com várias pessoas em vários cantos do mundo que tem o mesmo intuito. O livro de Teresa Colomer é uma espécie de diário onde ela relata seus feitos em uma escola de Barcelona. O livro também traz algumas informações históricas que nos ajudam a entender melhor esse processo de letramento literário e como é dificultoso esse trabalho, mas que pode ter um sucesso.

È visto também que não é de hoje que a literatura não é trabalhada de forma instigante e sedutora, na maioria dos casos ela é obrigatória e com isso se torna maçante e chata. O aluno quando é obrigado não vai procurar novamente algo para ler e dessa forma vai se distanciando cada vez mais da leitura. Outra coisa que muito acontece é a questão dos alunos não terem acesso a um tipo de literatura adequada a suas idades e que os motivem a procurar, daí o incentivo de bibliotecas mais bem preparadas e fácil acesso.

As escolas se preocupam muito em fazer da leitura um motivo de avaliação, mas esquecem que para que isso aconteça o aluno tem que ser preparado para ser um leitor competente e com capacidade de decodificar e entender aquilo que está lendo. Colomer fala que “em decorrência da massificação da leitura imposta pela escola por defeitos nos métodos didáticos ou por fatores tão contraditórios como o fato de que a exigência do conhecimento própria do secundário diminui o tempo que os meninos e as meninas dedicavam à leitura livre no primário, tem crescido o número de leitores ocasionais, diminuindo, assim, o número de leitores assíduos, já que em nossa sociedade predomina uma função profissionalizante da leitura” (p. 47).

Essa leitura foi bastante significativa para mim e creio que para meus colegas também, acho ainda que ela deva ser lida por toda pessoa que se preocupa com a formação de leitores e até mesmo dirigentes de escolas para ver se as coisas começam a mudar dentro das escolas.

Bolsista ID: Francimeire

O livro é o resultado de um trabalho que a autora realizou em Barcelona, onde mesmo sem experiência montou junto com os alunos uma biblioteca com livros levados pelos próprios alunos.

No primeiro capítulo Colomer faz uma espécie de relato de como os livros literários eram inseridos na escola vinculado ao ensino da língua,mas que isso não

significava que os alunos tenham se dedicado a ler tais livros, uma vez que nem sempre era uma literatura apropriada ou que interessasse aos alunos.

A autora faz uma espécie de linha do tempo e constata que a leitura de livros literários não era incentivada nas atividades escolares e mais ou menos no século XIX era cobrado dos alunos somente que lessem uma novela, para que se garantisse que eles lessem pelo menos um livro durante a vida, isso no ensino primário. Já no ensino secundário, essa leitura se limitava a leitura de textos religiosos ou patrióticos, com a intenção de ler e escrever, com o intuito de memorizar os conteúdos.

Apesar disso tudo houve um movimento a favor do acesso dos alunos as bibliotecas com livros adequados, e assim na segunda metade do século XX houve um avanço no entendimento do que significa “literatura” e mudou-se também a concepção sobre o “ensinar e aprender”.

Durante essa busca surgiram várias teorias literárias e algumas delas se configuraram como teorias de recepção, tomando o leitor como objeto de estudo; outras se focaram nas perspectivas psicolinguísticas, dando atenção especial ao desenvolvimento da linguagem; e outras ainda seguiram no caminho de investigações cognitivistas, enfocando os mecanismos e processos através dos quais o leitor constrói o significado do texto escrito. Estas teorias fundamentaram um novo modelo de ensino então iniciado, que vê a competência interpretativa como necessária e feita através da leitura.

Por fim nas palavras da própria Colomer: “A função essencial do docente é assegurar o corpus disponível é o mais adequado para os seus alunos”. Essa experiência da autora mostra que algumas coisas que ainda vemos na escola, como a leitura para ensino da língua, ou simplesmente prá decodificar não é suficiente para criação de um leitor literário.

Bolsista ID: Marcos

A literatura sempre foi aliada a uma formação de um indivíduo, desde no tempo que se suscitava a retórica, e quando se passou-se para a composição da cultura e de uma identidade nacional de um mesmo povo/grupo, até o desenvolvimento das competências linguísticas.

Ainda hoje se questiona se a literatura não perdera seu espaço para os outros meios, com as explosões de informações que sofremos contemporaneamente, somos constantemente estimulados e incitados a fazer ou a ler/ver (interessante como as duas palavras hoje são usadas para uma mesma ideia, não atoa...) à várias coisas ao mesmo tempo, não obstante vemos como são descartáveis essas informações. Devemos então dar aos leitores o poder (ou um discernimento/lucidez para se escolher com o que estamos a ser bombardeados, pois se não podemos evitar o excesso de luz e purpurina, em nossa volta, ao menos escolhemos nós a que estamos nos submetendo conscientemente. Esse pensamento crítico referente ao meio também é importante que os leitores tenham) de decisão.

Somos estimulados pelo lúdico, com as luzes que piscam e agora o meio imaginário/imagético acontece diante de uma tela viva, que brilha. Então deveríamos nos voltar não para a questão per si de ler um livro, mas sim a questão de que possamos ter leitores, que possam ler os diferentes meios, e que estes possam não importar com o onde o objeto de leitura se encontra ou está.

Além do ler, é importante que esse leitor não seja apenas ledor de meios, mas sim que possa ler e pensar, que seja capaz de gerar uma reflexão autônoma. Através dessas reflexões, o leitor também deve ser capaz de lidar com as reflexões em co-intertextualidade mútua com outrem através da dialética, para ser um “argumentador” ou “dialogador” e não seja apenas um objeto a ser massacrado por uma avalanche de informações e fique perdido ou fora das evoluções comunicativas que cada vez acelera mais..

Bolsista ID: Jael

No primeiro capítulo do livro a autora fala principalmente nas relações que a escola e os professores exercem nos alunos em relação a leitura. A escola é tratada como instituição que oferece sentido específico a leitura de obras. Até pouco tempo o modelo secular que se tinha de ensino da literatura nas escolas durante as séries iniciais era o de ler fábulas e contos aos alunos e durante as séries finais era ensinada a História da Literatura e não a literatura propriamente. Pois nas séries finais estudava-se o que estava acontecendo em determinado período histórico em que certo texto foi escrito e pouco se estudava os recursos expressivos. Estudava-se as obras que eram tidas como “escolares”, os alunos liam intensivamente pequenos fragmentos de obras, guiados para o trabalho orientado pelos professores. Como disse Colomer “ No melhor dos casos tratava-se de *belas páginas*, para moldar o gosto e imitar nos exercícios de redação; poemas e fragmentos para memorizar e compartilhar como referências da coletividade cultural ou nacional; e fábulas e contos morais curtos para educar em relação a valores e comportamentos”. Uma das causas da adoção desses métodos de estudo da literatura deveu-se a formação dos professores que era muito deficiente do ponto de vista literário. Os professores se empenhavam mais em ensinar a língua propriamente dita do que literatura que ficava em segundo plano. Não se colocava em prática a concepção de que Língua e Literatura podiam ser ensinadas em conjunto ou como uma só coisa. Com o avanço da comunicação audiovisual precisou ser repensado o ensino da literatura. A massificação dos meios de comunicação audiovisual contribuiu para satisfazer a necessidade de fantasia própria dos seres humanos, necessidade esta que antes era atendida quase que exclusivamente pela literatura. Do mesmo modo os mecanismos ideológicos que criavam modelos de comportamento e de coesão social encontraram ótimos caminhos nos poderosos meios de comunicação. Toda essa avalanche de tecnologia contribuiu e contribui até hoje para o desinteresse por parte dos alunos pela leitura literária. Contudo, ao mesmo tempo em que houve a massificação dos veículos de comunicação audiovisuais houve uma multiplicação dos livros, graças aos mecanismos modernos de produção editorial. “... a internacionalização do mercado e a cultura os difundiu de maneira distinta e a evolução das tendências artísticas em direção ao jogo intertextual completou um panorama configurado agora por uma grande

quantidade de obras, que aparecem em um mesmo momento em muitos lugares, em diferentes idiomas e que se escrevem e lêem no contexto de sistemas artísticos e ficcionais muito inter-relacionados.”(Colomer) Este fenômeno modificou a antiga função da escola que era de transmitir um conjunto literário nacional, limitado, ordenado e valorizado segundo uma tradição uniforme, prioritariamente literária, de forma que a literatura fortaleceu a imagem de bem cultural de acesso livre para todos, bem esse que se escolhe segundo os interesses pessoais de cada um e que é suscetível de produzir uma satisfação imediata. De maneira sintética pode-se dizer que a pouco tempo, e até hoje em alguns lugares se usa o método de que os alunos devem recordar o que haviam lido ou ouvido sobre as obras sem a necessidade de aprofundamento na leitura. Estuda-se mais a história da literatura do que o desenvolvimento da competência literária. No que diz respeito a Formação do leitor literário a autora expõe que objetivo é contribuir para a formação da pessoa, formação essa que representa o processo de sociabilidade do indivíduo. Essa formação se dá através da confrontação com textos que mostram a forma como as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. No texto é falado sobre os estudos da história educativa que mostraram que os professores sempre se inclinaram para os textos informativos, pois os consideravam de fácil entendimento e de fácil controle frente às sutilezas e a subjetividade das leituras literárias. Suas convicções eram apoiadas pelos pais de diversos setores sociais que acreditavam que seus filhos não podiam perder tempo com divagações literárias. Adotou-se então a concepção do texto literário como desvio de norma e a função da literatura como um dos usos sócias da língua. Parece que o que deve ser um dos pontos de debate nos dias atuais é busca por novas maneiras de estabelecer a função da aprendizagem da língua que a literatura é capaz de desenvolver na escola. A autora questiona o Ler ou o Saber literatura, no momento atual os docentes se sentem divididos entre a transmissão do legado literário, entendido como saber literário e entre o objetivo de criar mecanismo para animar e deixar a leitura mais atrativa, entendido como ler. A nova norma é que a leitura deve ao mesmo tempo ter o objetivo de informar e o objetivo de formar seres humanos, recorrendo de forma conjunta a aprendizagem didática e a leitura de entretenimento. No sentido de ler por gosto ou por obrigação entende-se que os alunos necessitem de que o professor saiba sugerir o livro adequado às suas necessidades e que os encoraje a realizar descobertas no campo literário.

Bolsista ID: Bibiana

A origem do livro deu-se através de uma nova iniciativa de introduzir uma metodologia nova de ensino, fazendo com que os alunos tragam de casa os livros para assim montar na escola uma biblioteca inovadora.

Ao abrirmos o primeiro capítulo nos deparamos com a seguinte questão, a literatura tem papel importante na formação do aluno porém não garante que ele tenha feito todas as leituras uma vez que as obras nem sempre são de interesse deles.

A leitura literária de antigamente já não tinha uma presença marcante. Nos primeiros anos de escola era cobrada ao menos uma leitura para garantir isso para a vida do aluno e no decorrer dos anos escolares arte limitou-se ao ler e escrever, memorização de conteúdos entre outras formas que acabaram por frustrar o leitor e desmotivá-lo.

Apesar de todas essas limitações a leitura a mais de um século tende a adaptar-se as faixas etárias do leitor dando assim um novo a conceito a arte de aprender e ensinar.

O livro de Colomer nos mostra que a escola muitas vezes não incentiva a formação de leitores e estes são formados através do passar dos anos, quando ainda crianças são incentivadas com livros infantis entre outras obras para assim formarem a base de sua leitura literária.

Se tratando de livros infantis, as histórias devem ser curtas para não ultrapassar os limites da capacidade de concentração da memória infantil e para não exigir demais. As narrativas devem ser privilegiadas já que trazem os seres fantásticos, servindo de modelos de conduta de forma mais rápida, já que as histórias são percebidas pelas crianças como uma representação do mundo tal como ele é.

No entanto, no nosso mundo escolar, se ensina muito mais a dar respostas objetivas do que desenvolver a subjetividade. Portanto, é necessário que os professores dediquem tempo e programem atividades que auxiliem o interesse pessoal, fazendo com que os alunos mergulhem no universo dos livros. É importante que o professor tenha a sensibilidade de conhecer quais são os gostos dos alunos, por quais manifestações literárias eles se interessam, para que assim possam ajudá-los a ampliar progressivamente sua capacidade de entendimento.

O terceiro capítulo do livro abrange a variedade de livros, ou seja, quanto mais opções o leitor tiver melhor será sua forma de entendimento.

Colomer afirma que o professor precisa compreender que: o leitor mudou, pois este acompanha o avanço da sociedade; o leitor está em contato direto com uma grande presença de meios audiovisuais; o leitor tornou-se contemporâneo do ponto de vista artístico, ou seja, as crianças estão sujeitas ao conjunto do sistema literário e visual de nossas sociedades.

No quarto capítulo intitulado a autora entra na escola para contemplar a leitura em funcionamento, observando que por volta dos 8 ou 9 anos, muitas são as crianças que já afirmam não gostarem de ler. Este fato mostra que o que se lê e para que se lê nas escolas está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios.

No quinto capítulo a autora faz um pequeno esboço sobre a forma de leitura individual em consequência, já que capítulo seis ela informa sobre a leitura com os outros, uma forma de desenvolver o leitor e a diferença de opiniões sobre a mesma obra literária.

A autora defende também a ideia de desafio, ou seja, fazer a interpretação de textos ou obras grandes para assim aumentar no leitor a capacidade de compreensão mas ela defende a ideia de que o professor deve orientar a interpretação e não fazê-la.

Por fim, nos deparamos com uma obra que auxilia na formação de novos leitores habituais, ou seja, incentivar desde os primeiros anos escolares a leitura e a interpretação na maior amplitude possível

Supervisora: Miriam

A autora relata no início da obra sua experiência em montar uma biblioteca com os livros levados pelos alunos.

A autora nos revela que esta experiência não abrange todos os objetivos da formação literária. Destaca ainda que não se lê livremente nas séries iniciais e se aprende literatura depois. A literatura durante muito tempo foi vista como eixo que ligava o ensino da língua, a história, a geografia, a moral, a religião, etc.

Através da leitura da obra fica-se sabendo que o primeiro modelo de biblioteca pública infantil surgiu na Europa, estendendo-se pelos Estados Unidos.

Lendo a obra vi que, apesar de passados mais de trinta anos de minha formação de nível médio e vinte e seis de curso superior, o ensino de literatura não evoluiu muito, preocupando-se muito mais com características de autor/obra, datas, do que com o conteúdo da obra.

Supervisora: Leticia

Há muito tempo se fala e se escreve sobre a importância da leitura na vida do homem, dando ênfase em causas e consequências da carência ou da ausência de leitura numa sociedade letrada, que exige cada vez mais no que se refere ao desempenho linguístico do falante.

A obra de Teresa Colomer nos descreve a riqueza do ato de ler, a importância da Educação Literária nas escolas, como vivência da alteridade e como um olhar do outro sobre o mundo que amplia os ângulos de visão.

O livro nos faz pensar que mais significativo do que ler e escrever de fato, é propiciar que a criança se sinta capaz de ler, experimentando a leitura compartilhada com adultos e com outras crianças, debruçando-se sobre várias obras literárias. É fundamental garantir satisfação e importância nos momentos de leitura, mobilizando interesse e envolvimento por parte dos leitores iniciantes.

Visto desta forma, entende-se que a leitura tem poder considerável e assume papel importante no processo educativo, portanto o educador precisa ser mediador e grande incentivador, sendo também fundamental o papel dos pais, que devem ler para seus filhos desde os primeiros anos de vida, e interessarem-se sempre pelo que os filhos leem.

É preciso reverter a crise literária que se instala na sociedade, para isso é preciso dar significado a todas as atividades propostas em sala de aula: tanto as de alfabetização quanto as que envolvem a obra literária, de modo a facilitar a construção de um conhecimento de natureza conceitual.